

OK! BIA

ok! 10 out. 1990
aceite pp. 94.

I

Deu
subly

ABRAMO, Radha. Luz futura: a ruptura e a maturidade nas obras de Fiaminghi. São Paulo, IstoÉ Senhor, (1009): out. 1990.

~~Obs: faltam as pgs, ver nome correto do artigo e o título da revista~~

~~CABRAL, Isabella; AMARAL REZENDE, M. A. Hermelindo Fiaminghi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, pp. 170-171~~

~~Dúvida se entrará ???~~

O cromatismo fulgurante das telas de Fiaminghi, expostas na Galeria Montesanti, traduz o trabalho persistente do artista, um dos ilustres participantes do movimento de arte concreta na década de 50. Seu percurso, composto de fases, trabalhadas, sobretudo com elementos gráficos fortemente assinalados, projetou-o nas duas últimas décadas como um dos pesquisadores da *Optical Art* dos mais representativos da arte brasileira. A mostra atual exibe a síntese concreta da têmpera, construída com pinceladas grossas, definidas, que montam planos na composição e dão volume às manchas pictóricas. Nesta fase, Fiaminghi se entrega também à livre gestualidade da pintura que se sobrepõe ao projeto esquematizado da tela. Em muitas delas, as formas geométricas são quebradas pela inserção provocativa e lúcida de cores reluzentes e alegres, festivas e calorosas.

A atual exposição revela uma ruptura dos paradigmas concretos que sempre nortearam a construção artística de Fiaminghi. Diria que o geometrismo sensível de sua obra anterior, nesta mostra, coloca-se em plano secundário servindo de apoio à composição construtiva da cor. As formas geométricas, cilíndricas, representando varas ou dorsos de árvores, conjugam-se aos semicírculos, imagens de meia-lua perfiladas umas às outras, porém feitas de densidade cromática diferente. Aqui vislumbra-se uma volta consciente à perspectiva euclidiana, aos padrões renascentistas da composição. No primeiro plano do grande, estupendo e maravilhosos diptico colocado na parede frontal da galeria, da base ao topo da tela, em posições diversas crescem tronco de árvores azuis, verdes, envoltos em grossas e quentes pinceladas que lembram florinhas (sic.??) profusamente coloridas.

A cor é a luz nos quadros de Fiaminghi, que na sua maturidade artística, de peito aberto, se livra dos conceitos atirando-se de corpo inteiro à sua vocação pictórica. Neste momento de ruptura, o artista me parece, dá um lance cromático de forte intensidade à sua obra e à arte brasileira. Suas telas exibem apuro técnico, equilíbrio exemplar na dosagem e no uso das cores, passadas às telas com gestos pictóricos transbordantes de paixão.

Fiaminghi também provoca ruptura na representação das imagens, ambíguas, que podem ser associadas aos volumes geométricos construtivos mas lembram também o mobiliário típico das paisagens externas. Aqui, o artista induz o olhar do visitante a ver aquilo que mais gosta e que estabeleça com ele uma relação de empatia e de afetividade necessárias à captação sensorial da pintura. No primeiro olhar ressalta a grande festa colorida da paisagem recriada automaticamente pelo artista. A seguir, os planos da composição cativam nosso olhar levando-o aos blocos geométricos construtivos, amarradores do vocabulário plástico disposto nas telas. Este processo de percepção visual lembra-me o mesmo utilizado por Paolo Ucello, da Renascença italiana, quando as figuras dos guerreiros (nas batalhas) representavam apenas um suporte adjacente às lanças, eretas, altaneiras e construtoras da perspectiva dos quadros.

A obra anterior de Fiaminghi caracterizada pelo traço particular do construtivismo, cuja cor, de paleta baixa, embora viva e concreta, exerceu fortes condicionamentos à sua expressão plástica, figuradora do seu mundo imaginário, organizado e pautado pela

adoção da pura geometria. Hoje seus quadros exibem a vontade de desconsertar, de romper com as invenções subjetivas submetendo-as agora à representação da paisagem exterior. Ele cria um embate cromático entre ambas, conjuga suas forças e suas vibrações através de cores alegres e voluntariosas.

O ano de 1990 segue seus derradeiros dias, portanto, não será difícil prever que a mostra de Fiaminghi configura, com certeza, a mais importante deste final de década. Agora ele deixa ressurgir de si próprio o grande colorista, potencializado e experimentado em seu vasto percurso artístico. Permite inclusive que a tensão cromática, inerente ao seu padrão cultural italiano, ressurgja com força vital em suas telas. Eis o homem, eis o artista. As pinturas da exposição evocam partituras do Mediterrâneo, as pinceladas grossas das telas correspondem a sons cheios, grandiloqüentes, semelhantes aos que sobem aos céus durante os concertos abertos da Itália.

O visitante não é o espectador, participa da vibração harmônica e ondulante das cores inter-relacionadas entre a natureza interior e exterior, usufruindo da partitura sensível do universo. Um valoroso artista plástico esse Fiaminghi, que ri e chora cores nos belíssimos quadros da exposição.

Instituto de arte contemporânea